

50.º ANIVERSÁRIO DO INÍCIO DOS CONFLICTOS EM ANGOLA

10 de Março 2011

GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exmo. Senhor General CEMGFA
Senhor General Luís Araújo

Permita-me que sublinhe e enalteça esta primeira adesão de V^a Exa. a uma iniciativa da Liga dos Combatentes, quando acaba de assumir as mais altas funções da hierarquia das Forças Armadas. É V. Exa. membro de honra do nosso Conselho Supremo, mas sublinho sobretudo o ser Membro Combatente da Liga dos Combatentes, o que muito nos honra. Felicitamo-lo pelas suas novas funções e desejamos-lhes as maiores felicidades em tão complexa missão.

Minhas senhoras e meus senhores

Estamos terminando esta semana evocativa do esforço de uma geração e da Nação portuguesa e das suas Forças Armadas no 50º aniversário do início dos conflitos em África em 1961. Após abordarmos o problema de Angola no dia 11, e no dia 15 termos feito o lançamento do livro *Kinda* o qual evoca o esforço da Força Aérea no Leste de Angola, evocámos hoje o 50.º aniversário da invasão da então Índia Portuguesa. Finalizámos essa semana evocativa com o lançamento de um livro da minha autoria em que o Mar. não por acaso, toma um lugar de destaque. A Liga dos Combatentes pretendeu assim homenagear todos os que se bateram pelo país naquele período difícil, independentemente do Ramo das Forças Armadas em que o tenham feito.

Minhas senhoras e meus senhores
Caros amigos

Quando me concentrava para vos agradecer a vossa simpática e amiga presença, quando reconhecia quanto era para mim importante a presença e a honra de ter connosco a Dr.^a Inês Pedrosa que conheço desde criança, mas a quem a vida deu asas e voou nas letras, como uma das maiores escritoras do presente e sem qualquer dúvida do futuro da língua portuguesa, mas que também encontrou tempo entre tanta solicitação para estar connosco. Por isso lhe agradeço a sua disponibilidade, para estar hoje aqui com o amigo, não com o fazedor de versos. Agradeço igualmente o ter feito o Prefácio deste meu trabalho e as palavras que proferiu no seu lançamento.

Minhas senhoras e meus senhores

Quem nunca leu um verso é como se nunca tivesse saído do berço. Quem nunca disse um verso é como se nunca tivesse lido o terço. Quem nunca fez um verso é

como se nunca tivesse saído do berço nem lido o terço. Ao longo da vida lemos e tivemos que interpretar muita poesia de outros escritores. Quantas vezes sem saber se líamos poesia se líamos prosa e muitas vezes lendo, sem entender o que líamos. Tal a riqueza da forma, o ritmo, a música, o sentimento profundo de vida de cada um, os olhos com que veem o mundo, a forma como este foi para eles pai ou padrasto. Outras desfrutando um sentimento de bem-estar ao sentir ter lido um livro de mil páginas em duas linhas de poesia.

Ó Camões quanto me fizeste sofrer e deleitar e descobrir em mim este Portugal que é nosso. Mesmo assim, só viria a descobrir em mim o que significava a poesia, quando me encontrei cheio de vivências, sentimentos, memórias, regozijos e revoltas, amor e de dor que precisava de deitar ao vento. Nasceu “Segredos da Guerra e da Paz. Senti depois que tinha alguma coisa a transmitir à juventude, especialmente à juventude militar, de um tempo que me marcou e marcou uma geração. A nossa. E nasceu “Geração”.

Quando um dia cheio de trabalho, sem tempo, descobri que havia uma forma em português de dizer tudo em poucas palavras. Mas mais do que isso, quando se pode aproveitar o tempo escrevendo e deitar-se num pedaço de papel ou num guardanapo de papel, algo que nos toca e diz muito e colocá-lo ali nos alivia, começámos a fazê-lo e a juntar esses pedaços de nós próprios. A seguir só faltava uma coisa. Ter coragem para assumir a nossa própria forma e estilo e partilhar os nossos sentimentos com os outros. Todos nós temos os nossos próprios Cais onde acostamos, onde nos encostamos onde atracamos onde não naufragamos. Enfim todos nós como pessoas e como entidades coletivas, temos esses vapores que nos conduzem na vida e nos acostam a bons e maus cais, a bons e maus portos. Até que um fim chega.

Dizem que para ser algo na vida em qualquer atividade ser necessário mostrá-lo ou fazê-lo pelo menos três vezes.” Há sempre um vapor acostado ao Cais” é a minha terceira manifestação externa de poesia. Será que com esta terceira publicação de poesia eu satisfaço as condições que o povo e os especialistas exigem para se ser alguém na vida da poesia? Claro que sabemos não. E por isso tenho já no prelo outro conjunto de poemas que um dia será mais uma dessas demonstrações de coragem que julgo me acompanhou toda a minha vida. Agradeço mais uma vez a vossa amiga presença. Termino dedicando este meu livro a minha mulher.

Grande mulher, Grande professora, Grande Mãe. Grande companheira dedicada de uma vida inteira.

E para terminar permitam-me uma homenagem pessoal a todos os que um dia partiram lendo um poema do meu livro Geração que acaba de ser selecionado pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra para uma próxima Antologia de poesia de guerra:

DESPEDIDA

De Alcântara-Terra
De Alcântara-Mar
De Guerra em Guerra
De lugar em lugar
A maior e de mais fundo
Doca p'ra todo o mundo.
Em Alcântara-Mar
O Tejo beija o cais
No dia-a-dia lunar.
Quantos gritos e ais
Se ouvirem no teu cais
Quantos sustidos, por dar.
Hoje gritos de amor
De turistas e folclore.
Ontem gritos de amor
De saudade e de dor.
É preciso ter partido
P'ra guerra sem sentido,
Ir vendo mais apagados
No cais os seres amados
Até que a distância os esfuma
E o horizonte é mar e espuma.
Vejo os pais, vejo as colunas
Onde se encostaram um dia,
P'ra ver esfumar os vapores
Que d'Alcantara-Mar partiam,
P'ra partilhar a saudade
Dos que partiam sem vontade.
Não importa qual o vapor
Que beije o Tejo no cais
O que conta é a dor
Da dúvida de voltar,
Ou não voltar mais,
A ver gaivotas no cais.